

mudar
a



vida

publicação do graal

26.

MAIO/JUNHO 1980

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*

QUE EUROPA — AMANHÃ ? (1)

DUAS VISÕES

É impressionante verificar como o futuro da sociedade industrial é objecto, simultaneamente, de dois discursos que, sob numerosos aspectos, são diametralmente opostos:

Para uns, a ideia de post-industrialismo — «estádio da sociedade que se segue à fase mais avançada da industrialização» — é sinónimo de fracasso; para outros, exprime o estágio supremo de uma sociedade — etapa em que o progresso técnico e a abundância permitiriam enfim ao homem aceder ao bem-estar.

A expressão «sociedade post-industrial» cobre, assim, duas visões totalmente diferentes: a primeira associada à ideia de progresso tecnológico, de crescimento económico, de abundância de serviços e de tempos livres; a segunda implicando, pelo contrário, o abater da sociedade industrial e o advento de uma sociedade descentralizada e sóbria, orientada para a economia agrária. É entre estes dois polos que se situa o debate entre os apóstolos do crescimento e os da ecologia: Herman Kahn contra Ivan Illich!

A primeira visão inscreve-se em linha recta nas previsões feitas por Herbert Spencer que, já em 1882, profetizava que o progresso industrial libertaria os homens dos constrangimentos materiais, dando origem a uma «multiplicação de instituições e de meios materiais a favor da cultura intelectual e estética». Esta visão funda-se sobre a ideia de que o destino da civilização industrial é prosseguir o seu progresso. Ultrapassado o estágio da economia de penúria, aceder-se-ia a uma era de abundância, em que a produção excederia largamente as capacidades de consumo. Essa sociedade, fundada sobre a tecnologia e a electrónica, seria marcada pela redução do trabalho na agricultura e na indústria e por um acentuado aumento dos serviços e das actividades atribuídas às indústrias do saber, da cultura e do prazer.

A visão mais optimista de uma tal sociedade é-nos fornecida por Herman Khan. Ainda recentemente, em 1976, este autor preconizava que cedo entraríamos numa era em que «a tarefa de produzir as coisas necessárias à existência se tornaria de tal modo fácil que passaria a ser olhada como uma banalidade, graças ao avanço tecnológico e ao desenvolvimento económico».

Esta primeira tese, fortemente dominante durante os «anos de ouro» que se seguiram à segunda guerra mundial, veio a converter-se, nos últimos dez anos, em objecto de numerosas críticas, baseadas sobretudo na tomada de consciência dos limites do crescimento e dos perigos inerentes ao desenvolvimento incontrolado da técnica. A ideia de que o industrialismo conduzia a um impasse foi defendida por inúmeros autores, autores que vieram a assumir um papel de liderança no interior dos movimentos de contestação da sociedade de consumo.

Este segundo grupo critica vigorosamente o industrialismo, quer na sua versão capitalista quer socialista. Advoga a formação de organizações descentralizadas, em pequena escala, com uma estrutura mais orgânica do que mecânica, e orientadas para a realização de valores humanos e não de objectivos materialistas (E. F. Schumacher). O post-industrialismo não aparece assim como um estágio evoluído da sociedade industrial tecnocrática, mas, pelo contrário, como uma orientação totalmente nova.

A crítica vigorosa que dirige à sociedade de consumo, Ivan Illich contrapõe um sistema social fundado sobre a participação, o pluralismo, a inovação. Num tal sistema as relações de competição-dominância viriam a ser substituídas por relações humanas mais «conviviais» e relações com a natureza mais «orgânicas».

A OUTRA EUROPA

Todos os dias nos chegam notícias das múltiplas conversações, acordos, negociações, em que o nosso país está empenhado no âmbito daquilo a que se convencionou chamar a «integração europeia». Técnicos e políticos discutem as condições de «acesso», os patamares de «entrada», os sinais de maior ou menor abertura dos que estão «dentro» aos que estão de «fora»...

E cada vez mais, no espírito do cidadão comum, se reforça a ideia de que a Europa é uma Europa-padrão. Uma Europa-modelo a que teremos que ascender: a Europa dos países ricos, a Europa do consumo e do bem-estar, a Europa dos que «estão connosco», porque nos são exteriores.

A esta imagem de uniformidade redutora é importante contrapor a de uma outra Europa: a Europa que, fiel às suas raízes greco-latinas e judeo-cristãs, procura guiar-se pelos valores de um verdadeiro humanismo; a Europa que defende o primado da vida sobre a organização, o primado dos bens fundamentais sobre os bens de consumo supérfluo, o primado da diversidade criadora sobre o monolitismo nivelador, o primado da contemplação sobre a eficácia.

TSC

in «Portugal Hoje»
19/5/1980

ASPIRAÇÕES DOS EUROPEUS

Em matéria de aspirações o discurso é tão contraditório como sobre a sociedade post-industrial: segundo uns, os europeus estariam hoje saturados de consumo de bens materiais e aspirariam a um modo de vida mais simples e mais convivial, a uma sociedade frugal e auto-gerida; segundo outros, a sociedade de consumo teria ainda diante de si numerosos e belos anos de vida.

As estatísticas relativas ao consumo parecem provar que a maioria dos franceses procura níveis cada vez mais elevados de bem-estar. Basta lembrar que o número de automóveis dobrou em França entre 1968 e 1978 e que o número de compras de bens duráveis — automóveis, frigoríficos, televisores... — aumentou em mais de 70% entre 1970 e 1978.

Mas as estatísticas de consumo não traduzem senão um aspecto da vida: aquele que é objecto de trocas monetárias. Não dizem que grau de satisfação proporcionam os bens comprados nem quais os desejos que se procuram satisfazer fora do mercado.

Ora os autores que proclamam o advento de uma nova cultura fundam as suas teses sobre a observação

de inovações e de comportamentos sociais que escapam correntemente à análise estatística. É incontestável que se assiste, de há já alguns anos para cá, à multiplicação de movimentos de reivindicação totalmente novos: preocupações ligadas ao meio ambiente, à finalidade e às condições de trabalho, à procura de uma sociedade mais equitativa, mais democrática e mais convivial.

Ultrapassando o estágio das ideias, um número crescente de europeus está pessoalmente empenhado na experimentação de novas práticas sociais. Adoptam na sua vida pessoal novos modos de vida reveladores, pelo menos em certos aspectos, de novos valores.

Estas novas aspirações, manifestadas por alguns e erigidas em regra geral por um certo número de ideólogos, são, indiscutivelmente, o reflexo de uma certa corrente de pensamento. Estará ela votada a permanecer marginal ou será, pelo contrário, precursora de um movimento que virá a impôr-se em toda a Europa? Estaremos ou não em presença de um movimento anunciador de uma nova civilização?

«VIRTUDES» NOVAS

Não é só amanhã, é hoje; não são só as gerações futuras, são as gerações dos anos 80 que terão de fazer face a condições totalmente novas: um mundo post-industrial, uma sociedade cujo centro já não é a economia e na qual o trabalho deixa de dominar a vida do homem.

Ao mudar o papel da economia e do trabalho, mudam também os valores de relação, as «virtudes» que norteiam os comportamentos.

As virtudes cívicas clássicas ligadas ao respeito pelas regras de concorrência, à disciplina,

à diligência, à renúncia, conduziram à materialização das condições de vida e das relações.

Importa agora saber como é que essas «velhas» virtudes, características da estabilidade económica e reflexo de um mundo materialista, virão a ser modificadas por valores diferentes, como a solidariedade, a justiça, a paz. Numa sociedade post-industrial temos que preocupar-nos com o desenvolvimento de valores post-materialistas.

Olaf Schwencke
texto policopiado
Delfos, 1980

NOVAS PRIORIDADES

A sociologia das aspirações está ainda no início e não dispomos dos instrumentos necessários à análise das tendências socio-culturais. Sabemos, no entanto, graças aos trabalhos de P. H. Chombart de Lauwe, que as mudanças nas prioridades correspondem a mudanças de valor atribuído às necessidades menos satisfeitas e que, à medida que as necessidades materiais elementares são satisfeitas, a livre realização e expressão da personalidade tende a assumir maior importância. Sabe-se também que as mudanças de valores se operam sobretudo nos jovens e que se tornam mais sensíveis quando uma geração é substituída pela seguinte.

Os países europeus conheceram, depois da segunda guerra mundial, uma taxa de crescimento económico excepcional, um importante surto de educação e protecção social e uma ausência quase completa de ameaças exteriores tangíveis. Pode assim presumir-se que as gerações que acederam à idade adulta durante esse período manifestarão uma ordem de prioridades bastante diferente da das gerações que as precederam. Uma vez adquirida uma certa estabilidade e segurança ao nível das necessidades materiais de base, outros objectivos se impõem como determinantes: a necessidade de pertença, de estima, de realização pessoal.

A protecção da natureza, a ordenação do tempo e do meio ambiente, a melhoria da qualidade de vida, no sentido geral do termo, constituem para um número cada vez mais elevado e mais variado de pessoas uma preocupação dominante. E não se pense que estão apenas em causa elementos materiais do modo de vida: número de espaços verdes, redução do trajecto quotidiano e dos ritmos de produção, etc. Trata-se também de factores imateriais: o desejo de enraizamento, o desejo de um trabalho inteligente e valorizador, a procura de pequenos prazeres gratuitos.

O slogan de Maio de 68 «tomo os meus desejos por realidades porque acredito na realidade dos meus desejos» corresponde indubitavelmente a uma necessidade: a necessidade de *ser* e não apenas de *ter*, a necessidade do prazer por oposição ao dever. Essa necessidade traduz-se por uma maior importância atribuída aos valores afectivos e espirituais, em detrimento dos valores materiais. Traduz-se também pela procura de relações mais autênticas e menos formais e por um desejo de harmonia a sobrepôr-se ao de dominação.

CONTRADIÇÕES PRESENTES

Ao mesmo tempo que exprimem um vivo desejo de liberdade, de anti-conformismo, de autonomia e de afeição, os europeus permanecem profundamente marcados pela necessidade de segurança. Pretendem a manutenção da ordem social, ao mesmo tempo que recusam os seus constrangimentos; reivindicam fortemente a protecção do Estado, ao mesmo tempo que recusam o seu controlo.

Deverá concluir-se que os europeus são esquizofrênicos? Ou deveremos dizer que são simplesmente rea-

listas, dado o fosso existente entre os seus sonhos e a realidade?

Com efeito, se a quase totalidade dos europeus diz aspirar viver numa sociedade mais humanista, mais ecológica, mais convivial, 80 % dos mesmos declaram-se, apesar disso, presos ao seu modo de vida actual. A crise que atravessamos não se caracteriza, de modo algum, pela recusa em bloco da sociedade de consumo. Caracteriza-se, antes, pela coexistência de tendências contraditórias que, em certos casos, tendem a reproduzir o sistema; noutros a fazê-lo evoluir; e noutros, finalmente, a transformá-lo de modo radical.

Poderíamos dar muitos exemplos desta existência de tendências contraditórias. A reivindicação autogestionária vai de par com o reconhecimento e a procura da protecção estatal. Do mesmo modo, no plano ecológico, é flagrante o contraste entre o discurso teórico sobre o desejo de uma «vida simples», caracterizada por um maior desprendimento em relação aos objectos, e a importância atribuída ao conforto material, que mesmo a crise energética não conseguiu abalar.

Temos talvez uma tendência exagerada a pensar que tudo muda e que as estruturas antigas estalam por todos os lados. É preciso desconfiarmos do maniqueísmo que nos levaria a condenar tudo o que está para trás e a colocarmos no futuro esperanças absolutas. A nossa realidade social está marcada pela procura difícil de um equilíbrio entre os valores antigos e a emergência de novas aspirações. Trata-se de conciliar consumo e qualidade, indústria e ecologia, autonomia e segurança, protecção e liberdade.

Hugues de Jouvenel
texto policopiado
Delfos, 1980

TENDÊNCIAS ANTAGÓNICAS

A cultura europeia nunca foi apanágio de uma doutrina única, de uma só nação ou de uma casta escolhida. Resulta, pelo contrário, de um diálogo permanente — muitas vezes dramático, algumas vezes trágico — entre um grande número de realidades e tendências antagónicas que contribuíram, cada uma à sua maneira, para modelar a Europa:

Antiguidade e Cristianismo
Igreja e Estado
Catolicismo e Protestantismo
Regionalismos e sentido do universal
Memória e invenção
Respeito pela tradição e paixão pelo progresso
Ciência e sabedoria
Germanismo e latinidade
Individualismo e colectivismo
Direitos e deveres
Liberdade e Justiça.

Denis de Rougemont
Texto policopiado
Delfos, 1980

QUESTÕES EM ABERTO

Com ou sem a **crise do petróleo** (crise que nos faz evocar a palavra bíblica: Ó feliz culpa!) a sociedade europeia não poderá continuar a escapar à questão do **sentido** e das **finalidades** do seu próprio desenvolvimento.

Começam a verificar-se, aliás, um pouco por toda a parte, sinais de mudança que não podemos deixar de registar. As políticas tradicionais baseadas sobre o crescimento do PNB, a diminuição da taxa de inflação, etc., opõem hoje certos grupos e movimentos sociais um política baseada na produção selectiva dos bens e na melhoria qualitativa dos serviços.

Esses movimentos inauguraram uma nova maneira de encarar a política e põem aos actuais dirigentes políticos questões fundamentais a que eles não poderão furtar-se:

- Que **serviços** deverão os homens e as mulheres prestar-se mutuamente e quais deverão ser executados por via institucional?

Serão os serviços prestados pelo Estado necessariamente menos humanizantes do que os que estão nas mãos da sociedade civil?

Haverá maneira de conceber os serviços essenciais sem que os seus custos cresçam exponencialmente?

Como retribuir aos serviços públicos o seu sentido original de prestação mútua de cuidados necessários, fazendo-os sair da categoria de subproduto burocrático da máquina de produção?

- Que **produção** estimular? Que produtos deverão considerar-se necessários e que outros deverão ser remetidos à categoria de supérfluos?

Em que medida é que os mecanismos da produção respeitam a identidade cultural de cada povo e em que medida a prejudicam?

Haverá uma maneira de conceber a produção que a torne, desde o início, redistributiva mas não niveladora?

- Como tornar o **trabalho** expressão de realização humana e não escravização a um processo cego de que se desconhecem as regras e as causas?

Como desmitificar o emprego codificado, reconhecendo o valor social de outras tarefas não necessariamente remuneradas mas capazes de libertar novas energias individuais e colectivas?

Seremos nós capazes de encontrar a via que permitirá ultrapassar a esquizofrenia daquele que, durante 8 horas por dia, faz gestos sem pátria para poder, em seguida, partir à procura das suas raízes?

- Como canalizar a **contribuição** de cada pessoa, de cada grupo, para o conjunto da sociedade?

Que redes estabelecer para que as pessoas de idade se sintam à vontade na sociedade e possam trazer-lhe a contribuição da sua sabedoria acumulada em vez de serem olhadas como marginais da eficácia quantificada?

Onde encontrar o espaço para que as jovens gerações se sintam capazes de pôr de pé o mundo que desejam?

Como construir uma sociedade convivial, onde a presença de cada um seja assumida como enriquecimento à existência de todos?

Maria de Lourdes Pintasilgo
1980

OS VERDADEIROS DESAFIOS

O imobilismo intelectual tradicional de todos os partidos e de todos os corpos sociais estabelecidos — dos sindicatos às igrejas — impede-os de compreender onde se situam os verdadeiros desafios postos à nossa sociedade.

Não vale a pena enganarmo-nos: o bem-estar crescente de largos sectores sociais e o leque ainda relativamente amplo das liberdades democráticas não bastam para dissimular a crise de legitimidade que atravessam as sociedades ocidentais.

Não há qualquer base para garantirmos que a riqueza e a liberdade são elementos seguros de evolução da Europa Ocidental nos anos próximos.

Pelo contrário, os perigos inerentes ao sistema de economia de mercado estão hoje à vista de todos. O «Estado nuclear» de que fala Robert Jungk está longe de ser ficção científica.

Os que — voluntariamente ou por ingenuidade — não querem admitir a crise do sistema, os que negam os constrangimentos da tecnocracia e o poder da burocracia, contribuem para enfraquecer, progressivamente, as bases da nossa liberdade democrática.

Olaf Schwencke
texto policopiado
Delfos, 1980